O Centenário de Joaquim Nabuco

ANDRADE FURTADO

E' dever imprecindível desta instituição de altos estudos celebrar as datas relacionadas com a grandeza da nossa Pátria. Ainda estamos dentro do ciclo de 24 horas, em que decorreu o centenário de nascimento de Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, uma das individualidades marcantes do cenário político e intelectual do País.

O grande tribuno do Império encheu de fulgor o ambiente parlamentar do seu tempo. Triunfou nas letras, desde os estudos humanísticos no Colégio Pedro II, onde se bacharelou, até o fim do curso jurídico, iniciado na Faculdade de S. Paulo e terminado na do Recife. Não há exagero em colocá-lo na primeira linha dos escritores brasileiros.

"Minha Formação" é um livro que encanta, porque é trabalho de um artista, cuja pena se fez cinzel para modelar perfis de beleza helénica, ou pincel para delinear cenas empolgantes da vida nacional.

"Massangana", por exemplo, constitui uma página imortal, que rivaliza com os melhores trechos clássicos da nossa Literatura.

Nada mais delicado e evocativo das reminiscências do passado...

Nabuco teve a fama de inteligência aristocrática, conquistando pela simpatia e impondo-se pelo poder fascinador da doçura, da elegância e da distinção pessoal.

Daí o êxito magnífico que obteve na carreira diplomática,

exercida nos grandes centros culturais do mundo, em Londres, e em Washington.

Cobriu realmente de glória os fastos das nossas tradições de povo que jamais abriu mão da sua hegemonia no concerto das nações cultas do Continente.

Na campanha da Abolição Joaquim Nabuco foi uma figura culminante, contribuindo, decisivamente, pela palavra inflamada e pelos rasgos de abnegação para o triunfo arrebatador de tão nobre causa.

José do Patrocínio confessava-se um seu legionário, naquela brava luta, inspirada pelo mais forte sentimento cristão da raça.

A imprensa foi outro campo da sua extraordinária actividade cívica.

Colaborou em numerosos diários da Metrópole, sobretudo no "Jornal do Comércio", "O País" e o "Jornal do Brasil".

Nabuco pode ombrear-se com Rio Branco na defesa dos altos interesses da Pátria. Elaborou as nossas razões jurídicas na disputa contra a pretensão da Guiana Inglesa a larga faixa da zona fronteiriça, na célebre questão do Amapá. A sua obra — "Le Droit du Brésil" — enriquecida de farta documentação anexa, abrange 17 volumes in-folio e representa trabalho valiosíssimo, em favor da integridade territorial da Nação.

A sua bagagem literária é das mais ricas e de largo fôlego. Citemos as principais contribuições que prestou à bibliografia nacional : — "Camões e os Lusíadas", "O Abolicionismo", "Propaganda Liberal", "O dever dos Monarquistas", "Balmaceda", "A Intervenção Estrangeira", "Dom Pedro II", "Nabuco de Araújo — Um Estadista do Império", "Campanha Abolicionista no Recife", "Escritos e Discursos Literários", "Conferências e Discursos nos Estados Unidos", "Minha Formação", "Porque continuo a ser monarquista", "O Povo e o Trono", "O gigante da Polónia", "Eleições Liberais e Eleições Conservadoras", "Epistolário Academico", "O Erro do Imperador", "O Eclipse do Abolicionismo", "O Ministerio Paraná", "A morte do Visconde de Taunay", "Castro Alves", "Escola Veneziana", além do livro de versos "Os Escravos" e de grande número de conferências e discursos dispersos. Pu-

blicou em língua francesa "Le Droit au Meurtre", "Lettre à Ernest Renan"; "Pages Choisies", "Amour et Dieu", "Pensées Détachées et Souvenirs", traduzido por sua ilustre filha da. Carolina Nabuco, sob o título "Pensamentos Soltos", "L'Option", drama em versos, relativo à guerra franco-alemã de 1870 e de publicação póstuma, e em idioma inglês: "Lessons and Prophecies of the Third Pan-American Conference", "The American Conscience and American Public Opinion".

Como tribuno, disse muito bem um seu ilustre par — o porte de Nabuco era por si só o melhor dos exórdios.

Foi considerado o mais belo homem do seu tempo. Ouçamos o depoimento autorizado de Afonso Celso a esse respeito: — "Muito alto, bem proporcionado, a cabeça e o rosto de uma pureza de linhas escultural, olhos magníficos, expressão a um tempo meiga e viril, nobre conjunto de força e graça, delicado gigante, Nabuco sobressaía em qualquer turba, tipo de eleição, desses que a natureza parece fabricar para modelo, com cuidado e amor. A voz estridulava como um clarim, dominava os rumores, cortava penetrante e poderosa, as interrupções. De ordinário despedia rajadas, como um látego sonoro. Não enrouquecia, antes adquiria, com o exercicio, vibrações cada vez mais metálicas e rijas. Voz de combate — a do comandante excitando os soldados, no aceso da batalha. A gesticulação garrida, as atitudes plásticas de Nabuco contribuíam para a grande impressão produzida pelos seus discursos. Consistia um dos seus movimentos habituais em meter as mãos nos bolsos da calça, ou então em enfiar dois dedos da mão direita na algibeira do colete. Desses e outros gestos provinha-lhe vantajoso ar de desembaraço e petulância. Articulava sílaba por sílaba os vocábulos, sublinhando os mais expressivos. A tantos preciosos predicados juntavam-se imensa verbosidade, vivaz imaginação poética, corroborada por aturados estudos literários, fértil em radiantes metáforas, entusiasmo, natural eloquência, inspiração. Nabuco, demais, sempre escolhia para tema assuntos levantados — problemas sociais, filosóficos e religiosos, de alcance universal. Fugia às polêmicas individuais, às intrigas de politiquice. Não se submetia à disciplina e às conveniências partidárias, desconhecia chefe".

Aí está o testemunho prestado por um dos maiores escri-

tores nacionais, acerca do glorioso filho de Pernambuco, que atrai para o seu perfil luminoso, ao decorrer o centenário do seu nascimento, a admiração e os elogios de toda a Nacionalidade, sem distinção de cores políticas ou de escolas de pensamento. Ao receber o ministério João Alfredo, ante a expectativa da aurora da Redenção, disse na Câmara, estas palavras memoráveis: — "Não, sr. Presidente, não é este o momento de se fazer ouvir a voz dos partidos. Nós nos achamos à beira da catadupa dos destinos nacionais e, junto dela, é impossível perceber o zumbir dos insectos atordoados que atravessam as quedas do Niagara".

A 8 de Maio, ao ser lido na mesa, pelo ministro Rodrigo Silva, o projecto abolicionista, tendo irrompido prolongadas aclamações e ruidosos aplausos dentro e fora do recinto, conforme assinala o mesmo ilustre informante, disse Nabuco: — "Sr. presidente, eu peço a V. exc. e peço à Câmara que tenham tolerância para esta manifestação que o Povo Brasileiro acaba de fazer dentro deste recinto. Não houve momento igual na história da nossa nacionalidade. É como se o território brasileiro até hoje estivesse ocupado pelo estrangeiro e este, de repente, o evacuasse, e nos deixasse senhores da nossa vida nacional".

Após a Conferência de Rui Barbosa sobre a Libertação, por iniciativa da Confederação Abolicionista, houve imponente vibração da plateia, e Nabuco foi chamado a falar pela onda que se comprimia no Teatro Politeama. Disse ele então: — "Só posso tomar o chamado do povo, depois do admirável discurso do Conselheiro Rui Barbosa, como o desejo de todos de terem o seu entusiasmo comunicado ao eminente orador por um intérprete da multidão. Rui Barbosa veio a esta tribuna não para elevá-la, porque esta tribuna em que se criou a palavra hoje formidável de José do Patrocínio não precisa ser alteada de nível, mas sim para demonstrar a verdade de uma frase sua — não é infelizmente nas duas Câmaras que bate o coração da Pátria ... Seus pulmões são estreitos para converter o sangue venoso, infeccionado pelo esclavagismo — em sangue arterial, oxigenado pela Liberdade".

Em ocasiões como essas a eloquência de Nabuco tocava o sublime.

Podemos considerá-lo, com a critica exigente dos modernos, o mais artista dos nossos escritores. "Massangana" é inexcedível como beleza de estilo! — Ouçamos este lindo excerto literário: "O traço todo da vida é para muitos um desenho da criança, esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre que se cingir sem o saber . . .

Pela minha parte acredito não ter nunca transposto o limite das minhas quatro ou cinco primeiras impressões . . . Os primeiros oito anos da vida foram assim, em certo sentido, os de minha formação instintiva, ou moral, definitiva . . . Passei este período inicial, tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco, minha Província natal. A terra era uma das mais vastas e pitorescas da zona do Cabo. Nunca se me retira da vista esse pano de fundo da minha primeira existência. A população do pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de rendeiros, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro que os agazalhava ou da pequena cultura que ele lhes consentia em suas terras. No centro do pequeno cantão de escravos levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem, e tendo por trás, em uma ondulação de terreno, a capela sob a invocação de São Mateus. Pelo declive do pasto árvores isoladas abrigavam sob a umbela impenetrável grupos de gado sonolento. Na planície estendiam-se os canaviais cortados pela alameda tortuosa de antigos ingás carregados de musgos e cipós, que sombreavam de lado a lado o pequeno rio Ipojuca. Era por essa água quase dormente sobre os seus largos bancos de areia que se embarcava o açucar para Recife. Ela alimentava perto da casa um grande viveiro, rondado pelos jacarés, a que os negros davam caça, e nomeado pelas suas pescarias.

Mais longe começavam os mangues, que chegavam até a costa de Nazaré . . . Durante o dia, pelos grandes calores, dormia-se à sesta, respirando o aroma, espalhado por toda parte, das grandes tachas em que cozia o mel. O declinar do sol era deslumbrante, pedaços inteiros de planície transformavam-se

em uma poeira de oiro; a boca da noite, hora das boninas e dos bacuraus, era agradável e balsâmica, depois o silêncio dos céus estrelados, majestoso e profundo. De todas essas impressões nenhuma morrerá em mim. Os filhos dos pescadores sentirão semparte a série não foi interrompida. Ha espíritos que gostam de vaga. Eu por vezes acredito pisar a espessa camada de canas que cercava o engenho e escuto o rangido longínquo dos grandes carros de bois" ...

Nabuco foi homem de fé. Católico por sentimento e por convicção Eis o seu testemunho desassombrado: — "Emerson quisera que a educação da criança começasse cem anos antes dela nascer. A minha educação religiosa obedeceu certamente a essa regra. Eu sinto a ideia de Deus no mais afastado de mim mesmo, como o sinal amante e querido de diversas gerações. Nessa parte a série não foi interrompida. Ha espíritos que gostam de quebrar todas as cadeias, e de preferência as que outros tiveram criado para eles; eu, porém, seria incapaz de quebrar inteiramente menor das correntes que alguma vez me prendeu, o que faz que suporto cativeiros contrários, e menos do que as outras uma que me tivesse sido deixada como herança. Foi na pequena capela de Massangana que fiquei unido à minha. As impressões que conservo dessa idade mostram bem em que profundezas os nossos primeiros alicerces são lançados. Ruskin escreveu esta variante do pensamento de Cristo sobre a infância: — "A criança sustenta muitas vezes entre os seus fracos dedos uma verdade que a idade madura com a toda a sua fortaleza não poderia suspender e que só a velhice terá novamente o privilégio de carregar". Eu tive em minhas mãos como brinquedos de menino toda a simbólica do sonho religioso. A cada instante encontro entre minhas reminiscências miniaturas que por sua frescura de provas *avant la lettre* devem datar dessas primeiras tiragens da alma. Pela perfeição dessas imgens inapagáveis pode-se estimar a impressão causada. Assim eu vi a Criação de Miguel Angelo na Sixtina e a de Rafael nas Loggie e, apesar de toda a minha reflexão, não posso dar a nenhum o relevo interior do primeiro paraíso que fizeram passar diante dos meus olhos em um vestígio de antigo Ministério popular. Ouvi notas perdidas do Angelus na Campanha Romana, mas o *muezzin*

intimo, o timbre que soa aos meus ouvidos à hora da oração, é o do pequeno sino que os escravos escutavam com a cabeça baixa, mormurando o *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.* Este é o Millet inalterável que se gravou em mim".

A morte de Joaquim Nabuco em 1910 encheu de luto o País. Todos os patriotas sentiram no seu desaparecimento uma diminuição nos valores morais do século. Hoje, após cem anos do seu nascimento, a Pátria inteira celebra o inicio da passagem do emérito cidadão pela estrada da vida, derramando luzes nas inteligências e calor nos corações.

Temos por dever de justiça enaltecer o perfil deste varão eminente, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e vulto de exalçada e brilhantíssima projecção na política de honra e sisudez do Império.

Para Joaquim Nabuco a homenagem do Instituto do Ceará, nesta efeméride gloriosa, em que o nome do ínclito patricio é apontado às bênçãos de gratidão da família nacional!

E R R A T A

Neste trabalho devem ser feitas as seguintes correcções :

Pág.	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
76	mais rico de honradez	mas rico de honradez
76	vira-o meu pai privados	vira-os meu pai privados
77	incidioso mal	insidioso mal
79	fragmenta ne perant	fragmenta ne pereant
81	onde encravado, mais também	onde está encravado, mas também
83	pormenores em exercícios	pormenores sobre os exercícios
84	homem menino	bom menino
85	E quase sempre ele que	E quase sempre era ele que
86	às sós	à sós
88	que submetesse ao regulamento	que se submetesse ao regulamento
90	por qum pôde observá-lo	por quem pôde observá-lo
91	"Pela mãe de uma menina"	"Pela mão de uma menina"
92	nele faltarem curidão	nele faltarem esses cidadãos
97	comenta-se ao regressar	comentava-se ao regressar